

## **TEXTOS SOBRE OS CURTAS DO FESTCINE ESCRITOS PELOS ALUNOS DA OFICINA DE CRÍTICA DE CINEMA MINISTRADA POR JÚLIO CAVANI:**

### **A CLAVE DOS PREGÕES**

"Pablo Nóbrega nos oferece um recorte da metrópole pernambucana através do enfoque nos sons transmitidos pelas ruas do comércio e residenciais. Clave dos Pregões fornece um olhar especial naquelas figuras que preenchem nosso cotidiano através de suas vozes. Figuras ímpares, cujo humor atrelado à sua persona pública sofre forte contraste pela expressão dura que carregam ao caminharem sob o sol implacável."

**(Nathalia de Moraes)**

"A poluição sonora típica da capital é mesclada com os timbres melódicos dos comerciantes apresentados. É o Recife visto por pessoas que vivem do comércio de rua e o som é o principal recurso de interação do filme com o público. Utiliza o silêncio e o barulho assim como a dialética acentuando a percepção destes.

Os comerciantes vivem na rua uma mesclagem natural e humana entre a atuação de seu 'personagem comerciante' como ferramenta de marketing pessoal e de sua identidade original. A Clave dos Pregões é um convite a viver a cidade e a valorização e homenagem ao comércio local."

**(Ingrid Natasha)**

"'Olha a mandiooooooca!' - quatro vendedores de rua (entre tantos outros) mantém bravamente sua profissão de continuarem vendendo seus produtos a moda antiga. A direção consegue mostrar que ainda existem (e resistem) tais profissionais. Eles saem dos morros ou da periferia onde vivem e andam por becos e ruelas e com as mais variadas entonações de vozes, vencem e são vencidos pela cidade vertical que se ergue entre todos nós.

O curta segue a tendência de se discutir também o espaço público, tão caro no momento na cidade do Recife. Os vendedores de rua sempre existiram e continuam, em número bem mais reduzido, oferecendo seus produtos. A câmara está constantemente mostrando, ao fundo, o bloco de edifícios que vão "engolindo" o espaço. A companha o vendedor, em silêncio, por becos e ruelas e aos pouco distanciar-se deste até que se possa ver, do alto, apenas ruas e prédios."

**(Djalma Silva)**

"É incômodo quando nos deparamos com a nossa própria hipocrisia. A capacidade de colocar o dedo em feridas sociais é cada vez mais comum no cinema, mas poucos conseguem explorar isso de forma sutil. E o curta de Pablo Nóbrega cumpre seu papel através da criatividade e discrepância de situações rotineiras. Usa pra isso, personagens reais, caricatos, mas bastante simbólicos."

**(Myrela Moura)**

"Um retrato de vendedores ambulantes, que apesar de ser composto por uma ótima direção fotográfica o que se sobressai no curta são os sons captados pelo Recife, tanto pelos trabalhadores que cruzam a cidade quanto por barulhos urbanos como os trens e carros, a junção desses sons, que por vezes são ignorados pela grande massa, constrói com uma incrível realidade o cotidiano da cidade."

**(Arthur Gustavo)**

### **MÃES DE FÉ**

"Por astúcia contrapor duas culturas é muito produtivo quando a intenção de promover o preconceito é menos latente que a união dos povos, das cores. Usa-se branco aqui, usa-se lá, mas a importância que ambas tem na cultura pernambucana não foi tão explicitamente evocada quanto no curta Mães de Fé. Cá o pulo de festejo, lá o grito de desespero e partindo da mediação deste histórico conflito o espectador sai vitorioso."

**(Allan Igor)**

## **MINHA GELADEIRA PENA QUE É UM FREEZER**

"Diante da rotina de Fernando (personagem principal do filme) a sensação de insatisfação, de agonia e o sentimento latente de que algo deveria acontecer perseguem o espectador. Contudo, logo são substituídos pela certeza de feridas abertas. O algo já aconteceu. Agora só resta a crise de identidade com o passado."

**(Thiago Antunes)**

## **OS FILMES QUE MORAM EM MIM**

"Munido de uma proposta intimista, Caio Sales nos convida a conhecer o mundo dos filmes que moram nele. Com imagens aparentemente desconexas e com um ritmo atonal, o filme entrega a cena principal ao cinema (seus clássicos) e à vida. A narração em primeira pessoa, embora inaudível por momentos, ensaia a externalização do pensar através de imagem, deixar que elas falem por si mesmas."

**(Thiago Antunes)**

## **MILAGRES**

"A voz das mulheres de Milagres se une ao canto do mar e sublimes imagens em confidências uníssonas sobre descaso, medo, esperança e denúncia."

**(Nathalia de Moraes)**

"Quando as luzes do cinema apagaram e o filme do diretor Adalberto Oliveira começou a se projetar, pude sentir imediatamente o caráter poético e denunciante do curta. A comunidade de Milagres retratada na tela trazia consigo uma crítica clara aos aspectos sociais e políticos daquele lugar que mesmo perto, me parecia tão distante.

A maestria com que as imagens do mar, que por um momento foi completo protagonista, casavam com os relatos de mulheres sem rostos (afinal, apenas suas falas em off podiam ser ouvidas) e todos pareciam se pertencer, mesmo a nítida relação conflituosa entre aquele mar que ora inimigo, ora aliado.

Ao longo do curta fui sentindo falta de uma representatividade sobre tudo que era falado, afinal não é possível contar sobre um lugar sem mostrar as pessoas que fazem dele ser o que é. Mas logo essa necessidade foi preenchida quando ao final do curta ele traz cenas que completam e dão forma a tudo que foi mostrado."

**(Myrela Moura)**

## **WANDENKOLK**

"Diante de uma paisagem cada vez mais 'concretizada', uma proposta desafiante a partir da ideia de: 'Como era lindo o meu quintal!'"

**(Djalma Silva)**

## **PONTO DE REMENDO**

"Trazendo uma temática similar a outros filmes como Que horas ela volta? e Doméstica, o curta retrata um fragmento da relação entre patroa-empregada que pode ser vista com certa facilidade na sociedade. O filme mantém um posição de imparcialidade, dando as personagens espaço para argumentarem sobre o ponto central do enredo, este por sua vez brinca com as personagens alternando o posto de vilã entre elas. O cenário muito bem escolhido contribui positivamente para uma maior percepção do espectador, dando possibilidade para imaginar o passado das moradoras e o que as levou até aqueles instantes retratados no filme, apesar de uma boa produção o roteiro tornasse confuso em alguns pedaços, com a mudança de discurso das personagens, o roteiro peca também na tentativa de colocar uma carga dramática nos argumentos da patroa, Geninha (Dona Elza) que por muitas vezes desfilou talento no teatro, aparenta estar pouco familiarizada com a câmera. Enquadramentos e planos rígidos não colaboram para boa percepção das cenas

deixando o curta com uma qualidade inferior da esperada."

**(Arthur Gustavo)**

### **TURVALINA 666**

"Caseiro, forte e rústico, o clipe é a personificação audiovisual da cerveja."

**(Ingrid Natasha)**

### **SOLEDAD**

"Flamenco, faroeste, xamanismo e vingança compõem o cenário desértico de "Soledad". As falas são descartadas, no entanto, os olhares profundos destacados em vários closes durante o filme transmitiram com eloquência a natureza de cada personagem. Soledad, assim como seu nome, caminha sozinha, mas em seu âmago carrega o impulso de luta."

**(Ingrid Natasha)**

"Western dotado de ótima fotografia, estória envolvente e cheia de violência e sensibilidade. Em algumas cenas, a presença de alguns objetos da era moderna, como caixas acústicas, capas de LPs e até motos, dão um clima futurístico nesta jornada de morte e vingança com excelente trilha sonora."

**(Marcus Antonio Dantas)**

### **DIVA**

"Diva se diz da atriz consagrada, a grande atriz. Na verdade, neste curta pouco importa se se trata de uma atriz Diva. Nele se dá o embate do personagem com quem o representa. Quando também nos olhamos no espelho nem sempre vemos a imagem que fazemos de nós mesmos, muitas vezes é o nosso outro "eu". Pode ser a nossa "verdade" e que nem sempre a aceitamos e lutamos contra ela. Nesse sentido o filme abre um leque de possibilidades a disposição de cada olhar em particular."

**(Djalma Silva)**

"Pablo Nóbrega nos oferece um recorte da metrópole pernambucana através do enfoque nos sons transmitidos pelas ruas do comércio e residenciais. Clave dos Pregões fornece um olhar especial naquelas figuras que preenchem nosso cotidiano através de suas vozes. Figuras ímpares, cujo humor atrelado à sua persona pública sofre forte contraste pela expressão dura que carregam ao caminharem sob o sol implacável."

**(Nathalia de Moraes)**

### **EXÍLIA**

"Entre tecidos de renda e manguezais o curta evidencia a atualidade da lama ao caos."

**(Allan Igor)**

"Na história do cinema pernambucano temáticas políticas são recorrentes, contudo, não poucos são os filmes que agem de maneira simplista e taxativa para com o tema.

Na trama das histórias de vida de duas velhas amigas e vizinhas, o filme enreda-nos com cenas emocionantes que tratam dos impactos do porto de Suape na vida dos ilhéus daquela região. Contrapondo as formas de existir e se relacionar com a natureza das personagens e a exploração do ambiente feita pelas grandes empreiteiras, a produção usa de animações e outros recursos estéticos para nos fazer mergulhar na situação política do local.

Ele, mesmo sem mencionar tais palavras, nos questiona sobre o sentido do progresso e do desenvolvimento em detrimento das histórias das pessoas. Nas ruínas memoráveis de antigas habitações o compartilhar do sentimento de abandono fundados na ambição, respaldados pela lei e jamais vingados. Vulnerabilidade e força nas mesmas cenas de todas as partes."

**(Thiago Antunes)**

"Dona Leriana conhece como ninguém o mundo onde vive. Planta, pesca, colhe frutos e até sabe como encontrar água doce (quando havia) na pequena ilha de Tatuoca, onde mora com o filho e netos. Sabe tudo o que precisa para viver em seu pequeno paraíso. De riso fácil, parece divertir-se com os pequenos 'pegando' caranguejos no manguezal. Nunca pensou em sair do seu lugar. Numa noite, ao ir colocar óleo diesel para matar formigas, viu dois monstros: um com luzes amarelas e outro com luzes verdes. Lá no horizonte, do outro lado da sua ilha, também se via silhuetas de outros monstros de ferro, sinal de que algo começara a mudar em seu habitat... O título remete a uma combinação de ex-ilha, o que é muito apropriado para as consequências provocadas pela gigantesca obra construída nas proximidades. A beleza, a humanidade e a poesia na elaboração das cenas, dão conta da forma de viver simples das pessoas daquela ilha. Trazendo suas histórias ao mesmo tempo que denuncia a agressão às pessoas e à natureza. Principalmente pessoas que já não contam nas estatísticas oficiais, conforme se verá na fala do guia turístico. Nas primeiras imagens do curta vemos Dona Leriana na água pescando. Ao fundo aproxima-se uma potente e barulhenta lancha. A cena simboliza tudo: o contraste da velha senhora, silenciosa, com a sua vara de pesca a olhar para aquela "máquina" barulhenta agredindo toda a paz do lugar. Ficcionalmente se cria uma alegoria com janelas e portas, espalhadas pelo mangue, árvore, todos cobertos por rendas brancas. O uso do stop motion completa o cenário, fantástico com formigas metalizadas, casa de Dona Leriana, e o que aconteceu com a água doce. O surreal mesmo fica por conta do guia turístico, que no catamarã, informa aos turistas, que os moradores já foram todos deslocados (desterritorializados) daquela ilha."

**(Djalma Silva)**

"São poucos os filmes que conseguem prender atenção do público desde seu primeiro plano. Ainda mais difícil é a missão de continuar mantendo o espectador entretido logo após a curiosidade inicial – tudo vai depender da narrativa, das imagens, dos planos ou do que quer que valide o gosto particular da audiência. Nesse sentido, pode-se dizer que "Exíliã" obtém êxito em todas as premissas nas quais se compromete. Seja desde uma competente execução técnica do filme, até a transmissão da mensagem por trás do curta. A comunidade de Tatuoca é vista sob a perspectiva de duas senhoras, "Dona Bernadete" e "Dona Leriana", que compartilham o mesmo amor pelo local que testemunhou o desenrolar de suas vidas. A primeira delas é afastada do lugar, agora habitante do conjunto habitacional criado para seus ex-residentes, mas é visível o saudosismo com o qual observa seu lar de outrora. O curta é ainda repleto de imagens vistosas, que preenchem os olhos com toda sua beleza e competente edição, tendo entre suas tomadas o emprego de um simbólico stopmotion. O local é habitado por diversas faixas etárias, que desde muito cedo aprendem a aproveitar da natureza para sua subsistência – são crianças pintadas com sorrisos inocentes e agilidade nos pés, alheias ao descaso que ocorre ao seu redor. Em seus diálogos, o recurso de legendas para melhor compreensão é empregado de maneira eficaz, visto que a linguagem peculiar de recorte territorial em muito enriquece a personalidade do documentário. O desenrolar dos vinte e quatro minutos de projeção acompanha, ainda, eficaz denúncia ao tratamento recebido pelos moradores do local durante a contínua desterritorialização na qual se encontram há anos. O quadro social é pincelado por belas cores e sorrisos que escondem consigo uma difícil trajetória."

**(Nathalia de Moraes)**

"Logo que o filme começa somos imediatamente transportados para a Ilha de Tatuoca. Não apenas graças à belíssima fotografia que percebemos desde a primeira cena, mas pelo particular carisma de sua personagem principal, Dona Leriana. Se tornando quase impossível não acompanhar de forma tocante cada relato sobre a sua vida naquela ilha que trata com tanto cuidado e carinho, apesar dos visíveis obstáculos.

Percebendo certa dificuldade na forma limitada com que os habitantes daquele lugar se expressam, a decisão da diretora Renata Claus, de colocar legendas no filme foi muito bem executada e colaborou na compreensão ainda maior do espectador para aquele ambiente pouco conhecido.

Ainda sobre a fotografia, é possível ver nitidamente o cuidado com as cores e o contraste entre a negritude dos personagens com o filtro branco das imagens, onde se tornam ainda mais

protagonistas em meio aquela luz pálida.

O trabalho gráfico é outro destaque. Cenas bem executadas de stop-motion intercalam o filme inteiro com as paisagens de Tatuoca, como se ilustrassem mais ainda tudo que está sendo contado pelos moradores. Além de ajudar o público na sua imersão.

Por fim, ao final da sessão nos sentimos acalentados pelo saudosismo no relato de quem ali morou, e pelo apego de quem não conseguiu levar consigo parte do que lhe pertencia, mas ali, de certa forma, deixou suas próprias raízes."

**(Myrela Moura)**

"O filme propõe girar em torno do reencontro de duas ex-vizinhas separadas pela expansão do complexo de Suape, porém, vai muito além disso, com uma mistura de poesia e crítica social curta faz uma análise seca e leve da interferência das grandes máquinas na vida das pessoas de casas pequenas que moravam na ilha e a reação delas perante essas mudanças.

Retratar cenas cotidianas da vida das moradoras locais faz o espetador criar intimidade com elas, o fazendo experimentar um misto de emoções em um curto espaço de tempo, mas sem tornar essa viagem nos sentimentos algo chato e desconfortável, como presenciado em outros documentários, ao contrario a organização das imagens te faz querer ver cada vez mais.

As sutilezas deste filme é uma de suas principais qualidades, o cenário da natureza sendo mudado lentamente por grandes máquinas em alguns planos abertos, faz com que quem esteja assistindo analise o avanço industrial sobre a beleza da paisagem nordestina, mesmo sem fazer um juízo de valor, mas mostrando que a comunidade continuará viva nas crianças independente do local.

O toque especial com técnicas de Stop Motion dá o ar poético do curta, acrescentando uma beleza visual incrível, o uso de legenda para facilitar a compreensão de algumas falas foi uma bela saída, ainda mais em um festival onde muitos dos filmes pecaram nesse quesito, o curta conseguiu informar e encantar o público, que por minutos o aplaudiu fervorosamente."

**(Arthur Gustavo)**

## **BAJADO**

"Um honesto retrato do artista autorretrato de Olinda."

**(Arthur Gustavo)**

## **S3TART PALAFFITI**

"O áudio sofrível do curta demonstra amorosismo na direção de Francisco Alves Crispim e dificulta a compreensão do documentário. Belas imagens não compensam a produção defeituosa."

**(Myrela Moura)**